

Constituições e Regras dos Clérigos Regulares Somascos

Roma – Cúria Geral
2006

A Congregação Somasca

1. Fundador

A humilde Congregação dos Religiosos Somascos ¹
tem sua origem na *Companhia dos Servos dos Pobres*,
suscitada na Igreja de Deus
por São Jerônimo Emiliani
sob a ação do Espírito Santo.
Convertido a Deus e profundamente renovado
pela intercessão de Maria,
ardendo de desejo de seguir o caminho do Crucificado
e de imitar a Cristo seu mestre, ²
fez-se pobre
e entregou-se a si mesmo totalmente
para servir os pobres. ³
Movido pela divina caridade,
atraiu outros homens
que, por amor ao Evangelho,
entregaram-se com ele a Cristo. ⁴
Para si e para seus companheiros,
nosso ardentíssimo Pai,
comprometendo-se com toda obra de misericórdia,
propôs um gênero de vida
que manifesta, no serviço aos pobres,
a oferta de si próprio a Cristo. ⁵
Por isso, nos primeiros tempos, foram chamados pelo
povo "*Pais das obras e dos pobres*". ⁶

¹ C1626 1

² An 7,8

³ Lipp 483

⁴ Molf 490

⁵ 6Cart 4

⁶ C1626 2

2. Reconhecimento da Igreja

São Pio V, aos 6 de dezembro de 1568, incluiu a Nova Companhia, que ia crescendo com abundância de frutos para a Igreja, entre as Congregações dos Clérigos Regulares,¹ concedeu-lhe a faculdade de emitir os votos solenes e submeteu-a diretamente à Sé Apostólica.

3. Missão Apostólica

A nossa Congregação, para o bem da Igreja e para responder ao chamado de seus pastores, abraçou, desde suas origens, diversas atividades apostólicas, inspiradas pela caridade de Cristo.² Com o mesmo intenso amor do Fundador continua dedicando-se ao cuidado material e espiritual dos órfãos e dos pobres³ e empenha-se na educação humana e cristã da juventude e no ministério pastoral.

4. Gênero de vida

A Congregação Somasca é um instituto clerical de direito pontifício formado por religiosos, sacerdotes e leigos, cujo gênero de vida, mesmo na diversidade dos ministérios, não comporta diferenças.⁴

A exemplo de Jesus e de seus discípulos, seus membros vivem comunitariamente⁵

¹ C1626 5

² C1626 8;

³ C1626 913.

⁴ C1626 5

⁵ C1569 41

e em comum colocam tudo,
perseverando concordes na oração e nas obras,
tendem à perfeição da caridade¹
em humildade de coração, mansidão e benignidade,²
mediante o amor à pobreza e ao trabalho
e o ardentíssimo desejo
de atrair e unir a Deus todos os homens.³

5. Constituições e Regras

A vida da Congregação
é guiada pelas Constituições e Regras.
Elas guardam o espírito dos primeiros regulamentos
e os adequam às condições dos tempos.
A Congregação as propõe a todos aqueles
que nela querem viver e perseverar.⁴

¹ LG 40

² 6ª Carta 4

³ Molf 490

⁴ C1555 13.

PRIMEIRA PARTE

NB. - O texto das constituições vem escrito em caracteres normais;
o texto das regras em caracteres cursivos.

Cap. I

Consagração Religiosa

6. Dimensão humana/divina da Consagração religiosa

Deus em seu amor de predileção nos consagra,
chamando-nos ao seguimento de seu Filho ¹
na Congregação Somasca,
para renovar em nós o dom da graça ²
concedido a São Jerônimo.

Para retribuir com nosso amor o seu amor, ³
nos oferecemos livre e totalmente a Cristo;
confiando somente nEle ⁴
e dóceis ao seu Espírito,
nos propomos viver segundo os conselhos
evangélicos,
em comunhão fraterna,
a serviço dos pobres.

7. A inserção no mistério da Igreja

A consagração religiosa
nos insere, com novo título, no mistério da Igreja,
povo de Deus, esposa de Cristo, templo do Espírito. ⁵
Tornemo-nos, então, sensíveis às suas necessidades,
fiéis às diretrizes de seus pastores
e zelosos para que Cristo continuamente renove nela
a santidade dos tempos apostólicos. ⁶

¹ Lg 34, 39, 40, 44;

² Ef 4,7;

³ C1626 354;

⁴ 2Carta 3

⁵ 1Pd 2,9-10; Ef 5,25-32; 1Cor 6, 19;

⁶ NOr 3

8. Profissão Religiosa

Manifestamos nosso compromisso
de responder ao chamado divino
pela profissão religiosa.
Nela emitimos os votos
de castidade, pobreza e obediência
e nos empenhamos a viver em comunidade
segundo as Constituições e Regras.
A profissão nos torna participantes do carisma
reconhecido pela Igreja
e nos insere na tradição de santidade ¹
que, brotada do Fundador como duma nascente,
vivifica até hoje a Congregação.

9. Maria modelo de nossa Consagração

Modelo e sustentação de nossa vida de consagrados
é Maria Santíssima,
Virgem fiel e humilde serva do Senhor,
que atuou, em sua vida,
as bem-aventuranças evangélicas,
manifestando no mundo
a perfeita imagem do discípulo de Cristo. ²
Recorremos à sua materna intercessão,
para que Deus cumpra em nós sua Palavra ³
e, fortificados na fé e na caridade, ⁴
possamos todos os dias oferecer a nós mesmos
como sacrifício espiritual a Ele agradável. ⁵

10. Testemunho de nossa vida consagrada

Deus, que realiza grandes coisas,
exaltando os humildes, ⁶
com nossa fidelidade,
transforma-nos na imagem de seu Filho, ⁷
tornando-nos sinal da vida nova, ⁸
que irmana os homens no amor do Pai
e prolonga sobre a terra
a predileção de Cristo pelos pequenos e os pobres. ¹

¹ C1555 2

² PD

³ Gl 5,6;;

⁴ Ef 3,17

⁵ Rm 12,1

⁶ Lc 1,49.52; 2Car 6;

⁷ 2Cor 3,18

⁸ Rm 6,4;

Cap. II

Castidade

11. Valor espiritual

Chamados a nos unir² a Deus com coração indiviso,³
nutrimos amor e zelo pela castidade,
dom de graça do Senhor
e ornamento de toda perfeição.⁴
Ela abre nosso coração
para uma experiência mais viva do amor de Deus,
inspira e promove a fraternidade
e é fonte de fecundidade apostólica.⁵

12. Objeto do voto

Pelo voto de castidade consagrada
pelo Reino dos Céus,
assumido livre e conscientemente,
nos comprometemos, com a ajuda do Senhor,
a viver a perfeita continência no celibato
e a nos abster de quanto a ela é contrário.

13. Meios para viver a castidade

Para guardar fielmente a castidade
reavivamos cada dia a união com o Senhor
pela oração, a vida sacramental
e uma filial devoção à Virgem, Mãe de Deus.

Sempre gratos ao Senhor
por este dom que continuamente nos concede,
não superestimamos nossas forças,⁶
confiamos em seu auxílio,
praticamos a mortificação e a vigilância dos sentidos.⁷

Formas características da tradição somasca

¹ LG 8,46.

² Sal 63,9;

³ 1Cor 7,32-34;

⁴ C1569 43;

⁵ PC 12.

⁶ 1Cor 10,12; C1591 17;

⁷ 6Car 4,6; PC 2

O religioso amante da castidade:

A. Cultiva os meios propostos para defendê-la

Inspirando-nos em nossa tradição cultivemos os meios por ela constantemente propostos para a defesa da castidade, como o cumprimento fiel do próprio dever, o empenho no estudo e no trabalho, a fuga do ócio, fonte de todo mal e o uso dos meios naturais, que favorecem a saúde física e mental. ¹

B. Comporta-se com serena prudência

Nos compromissos apostólicos, no relacionamento com as pessoas e nas diversas circunstâncias da vida comportemo-nos com serena liberdade, prudência iluminada e grande caridade. Nas visitas, nas escolas, nos espetáculos, na leitura de livros ou revistas e na procura de legítimas diversões, nossos religiosos sejam sempre coerentes com sua consagração a Deus.

14. Castidade e Comunidade

Especial defesa da castidade e seu válido sustentáculo é o amor que une os irmãos na comunidade, ² a atenção, a benevolência e a sinceridade.

Os superiores com amabilidade e compreensão estejam ao lado de quem manifestasse particulares dificuldades e, se for necessário, tomem as providências com caridade e prudência.

15. Testemunho de castidade

A quantos compartilham nossa vida, ofereçamos tal testemunho de castidade que eles possam perceber com alegria que nós, pela graça de Deus, vivemos no mundo, mas não somos do mundo, ³ e junto conosco possam louvar ao Senhor, fonte de todo bem. ⁴

¹ PC 12;

² PC 12.

³ Jo 17,11.14;

⁴ C1626 508

Cap. III

Pobreza

16. Valor espiritual

Chamados a seguir Jesus Cristo e a imitar seu exemplo e o dos seus discípulos que viviam em comunidade, colocamos tudo em comum,¹ nutrindo no coração e manifestando pelas obras o zelo ardente do nosso pai São Jerônimo² pelo tesouro da pobreza evangélica.³ Cheios de confiança na bondade do Senhor e com coração livre das preocupações terrenas, cresçamos diariamente na pobreza para partilhar com os irmãos as riquezas do amor de Deus⁴ e a solidariedade da nossa ardente caridade.

17. Objeto do voto

Pelo voto de pobreza nos comprometemos em não usar e não dispor dos bens materiais sem o consentimento dos superiores. Renunciamos, portanto, a dar e a receber também presentes ou ofertas de parentes e amigos; a vender ou comprar, a dar ou pedir emprestado, a possuir mesmo que seja a título de depósito; a considerar como próprios os objetos em nosso uso. Quanto cada um recebe pela sua atividade ou em vista do instituto, como também as aposentadorias e seguros, tudo pertence à comunidade e nós o colocamos fraternalmente em comum.⁵

18. Pobreza da Congregação

Nossa Congregação, mesmo tendo a faculdade de possuir os bens necessários para o sustento de seus membros e para o desenvolvimento das obras apostólicas,

¹ At 2,44-45; C1569 41;

² Ms30 21;

³ Mt 13,44; C1626 509;

⁴ 2Cor 8,9.

⁵ C1626 516

compromete-se a dar testemunho de pobreza.
Procure ela evitar, com muito cuidado,
não somente qualquer acúmulo de bens,
mas também o que é supérfluo
e tudo o que aparenta luxo.¹

19. Espírito da pobreza somasca

Fiéis ao exemplo de São Jerônimo
e de seus primeiros companheiros,
que se chamavam *Servos dos Pobres*²
e ofereciam a própria vida
para o alívio dos mais indigentes,
reconhecemos como nossa vocação
a opção dos pobres.³
Com eles partilhamos nossa vida,⁴
acolhendo-os também em nossas casas;
de preferência desenvolvemos nossa atividade
em lugares mais marginalizados,⁵
mostramos uma predileção evangélica
por quanto é modesto e humilde
e nos empenhamos na lei comum do trabalho.⁶

*Formas características da tradição somasca
O religioso pobre:*

A. Confia na providência do Senhor

Todo religioso renove sempre a confiança na providência do Senhor.⁷ Desta forma saberá acolher com coração alegre e firmíssima vontade⁸ os incômodos e os riscos de uma vida pobre e, contente de tudo o que o Senhor lhe oferece,⁹ dará um autêntico testemunho de pobreza.

B. Procura as coisas mais pobres

Todo religioso procure abster-se de hábitos e do uso de objetos que não condizem com a pobreza; pelo contrário, para aderir mais fielmente à vontade do Fundador, guiado pelo Espírito do Senhor, procure com empenho as coisas mais pobres.¹⁰

C. Está disposto a pôr tudo em comum

¹ PC 13.

² 6ª Car 4;

³ Ord 33; Na 16; Lipp 483

⁴ An 14

⁵ An 13

⁶ PC 13; 1ª Car 17.

⁷ 5ª Car 3;

⁸ Lipp 483

⁹ 3ª Car 6.

¹⁰ Ms30 21

Ninguém possua a título pessoal instrumentos cujo uso, permitido à comunidade, fere a pobreza, se praticado de forma exclusiva. Quem por motivos justos recebeu a permissão de usar tais instrumentos, esteja sempre disposto a colocá-los em comum.¹ Todos tenham diligente cuidado com os bens da comunidade.

D. Depende de bom ânimo dos superiores e da comunidade

Nas necessidades da vida cotidiana o religioso dependa de bom ânimo dos superiores e da comunidade; tal dependência favorece o espírito de fé, pelo qual ele invoca o pão de cada dia da providência do Pai.²

E. É favorecido pelo exemplo e pelo zelo do Superior

Em toda comunidade o superior seja, pelo seu exemplo, de estímulo para a pobreza.³ Procure eliminar os abusos, mas sobretudo cuide com diligência dos irmãos, atendendo-os com religiosa caridade, antes mesmo de ser solicitado, de tal forma que ninguém se encontre em situação que o leve a faltar com o próprio voto.⁴

20. Empenho comunitário de pobreza

Toda comunidade, mesmo adaptando estruturas e meios às exigências do ambiente no qual atua, pratique uma pobreza efetiva na vida e no apostolado⁵ e para este objetivo, faça uma revisão periódica. Movida, ainda, pela caridade de Cristo, responda com generosidade aos pedidos dos superiores para o bem das outras casas e da Congregação, pelas necessidades da Igreja e dos pobres.⁶

21. Testemunho de pobreza

Se, com a ajuda de Deus, permanecemos fiéis à nossa vocação de Servos dos Pobres de Cristo, ofereceremos ao mundo um testemunho precioso e muitos serão atraídos para nossas obras.⁷

¹ C1626 512

² Mt 6,11

³ C 1626 517;

⁴ C 1626 526.

⁵ ET 18;

⁶ PC 13

⁷ Ord 33

Cap. IV

Obediência

22. Valor espiritual

Seguindo o exemplo de Cristo,
que aderiu constantemente ao Pai
até a morte de cruz,¹
nos oferecemos a Deus,
procurando e acolhendo a cada instante,
sua vontade.²
Alcançamos assim a liberdade
que Cristo prometeu a seus discípulos,³
caminhamos com maior rapidez
pelo caminho da perfeição⁴
e nos tornamos mais disponíveis
para o serviço dos irmãos.⁵

23. Objeto do voto

Pelo voto de obediência,
empenhamo-nos a executar as ordens
e a desempenhar as tarefas confiadas pelos superiores
naquilo que está em conformidade
com as Constituições e Regras.
Reconhecemos como superior supremo
o Romano Pontífice;
ao seu magistério e às suas diretrizes
prestamos, também em virtude do voto,
Na Congregação tem faculdade de impor preceitos,
aos quais somos gravemente obrigados
a obedecer
" em virtude de santa obediência ",
o Prepósito Geral, para todos os religiosos
e os outros Superiores Maiores,
no âmbito de sua jurisdição.

24. Exercício da autoridade e da obediência

O Superior manifeste a caridade de Cristo⁶

¹ Fl 2,8

² Mt 6,10; An 12

³ Gl 5,1

⁴ C1626 474;

⁵ PC 14

⁶ PC 14

para com os irmãos que o Senhor
lhes confiou e dos quais a Ele deverá prestar conta;¹
pela graça particular do ministério da autoridade
os guie para o bem,
procurando com cada um e com a comunidade
a vontade de Deus
e manifestando-a com suas decisões.
Os religiosos façam frutificar os dons
que Deus lhes concedeu para o bem de todos²
colaborando ativamente e responsabilmente;
tenham com os Superiores uma atitude de diálogo
e estejam dispostos a acolher
o que estes acharem oportuno decidir;³
aceitem, na fé, o sofrimento interior
frequentemente ligado à obediência.

Formas características da tradição somasca
O verdadeiro obediente:

A. Acolhe e atua com confiança o que lhe é ordenado
O verdadeiro obediente percorre firme o caminho de
Cristo. Acolhe a vontade do Superior não somente
expressa, mas também tácita, todas as vezes que
pode prevê-la, e realiza com confiança o que lhe é
ordenado sem considerar a pessoa, e sim quem ela
*representa.*⁴

B. Promove na obediência sua personalidade
Os religiosos não julguem humilhante ou contrário ao
desenvolvimento da pessoa funções ou trabalhos que
o Senhor lhes confiar pela obediência, mas considerem
por certo que aos olhos de Deus é maior quem se faz
*menor.*⁵

C. É disponível às mudanças de lugar e de função
Nas mudanças de lugar ou de função, manifestem
plena disponibilidade, aceitando de bom ânimo a
obediência a eles designada e não procurem apoios
*para evitá-la.*⁶

D. Manifesta humildemente suas dificuldades
Quem foi designado para uma função ou ministério,
pelo qual achasse não possuir suficiente preparo ou
capacidade, manifeste humildemente suas dificuldades
aos Superiores; depois, apoiando-se na obediência
como a uma força divina, não desanime, mas

¹ Hb 13,17

² PC 14

³ ET 24

⁴ C1626 475

⁵ C1626 485

⁶ C 1626 480 - 481

empreenda a tarefa recebida e confie no Senhor, pois Ele providenciará.¹

*E. Submete aos Superiores suas iniciativas
Empreendendo ou promovendo iniciativas, mesmo sendo a título de caridade cristã, os religiosos consultem primeiro os Superiores e obtenham sua licença. Evitem o máximo possível ocupar-se de negócios de estranhos.²*

*F. Pede com simplicidade
Apresentando seus pedidos evitem a insistência exagerada ou o uso de meios não dignos ao estado do religioso, mas peçam com simplicidade, dispostos a renunciar à própria vontade.³*

25. Obediência na alegria

Quem obedece contrariado,
murmurando ou por temor,
é motivo de confusão e de ruína para a comunidade ⁴
e não é digno do estado que professa.
Cresce na liberdade evangélica
não quem observa a lei por obrigação,
e sim quem doa com alegria.⁵

¹ C1626 477

² C1626 483

³ C 1626 479

⁴ C 1569 40

⁵ 2Cor 9,7; C 1626 476